

Esfumado

Este livro é dedicado ao meu filho, Lucas
Gabriel.

Agradecimentos

Os meus pais, Lourenço e Maria, meus irmãos, Marcinha, Marcos e Daniele. Meus sobrinhos, Kiara, Isabele, Marcela, Deivid Kevenly, Mathias Jr, João Emanuel e Arthur. A todos os amigos que encontrei nessa labuta literária, fora dela, e as pessoas que achavam que eu não seria capaz de realizar o meu sonho. Obrigado Hugo Zapparoli. “O manufator” pelo abraço invisível da cumplicidade. Robson Camilo “O Pescador Urbano” pela companhia no trecho escuro da estrada. Ao grupo “GAM” Grupo arte Marginal de Uberlândia por ter me ensinado que escrever é tão somente ser entendido. Obrigado mais do que a tudo e a todos, a essa força imaterial que nos impulsiona adiante, proporciona encontros necessários, nos fortalece na fraqueza, que me deu este sonho. Obrigado Deus pela Tua Onipresença. Pois Nada me faltou.

*Jacó;
Israel
com Deus
venceu.*

Gênesis.

*E o anjo disse a
Tu se chamarás
Porque lutou
e os homens e*

“ O amor. Ele talvez surja de uma falha súbita na órbita do universo.”

Margueritte Duras.

Há um dia em que nascemos e estamos no mundo, há outro dia, porém, em que a vida começa a fazer sentido, disse-me certa vez meu pai. Nunca esqueci aquelas palavras, ditas especialmente naquele fim de tarde, me pareceu um desabafo muito íntimo, um pensamento que por acaso ganhara o som de sua voz, exageradamente rouca pelo vício do cigarro e do álcool, tinha ares de constatação própria, para mim podia ser qualquer coisa, menos a embriaguez causado pelo uísque escocês legítimo que ele sempre bebia quando chegava do escritório, sob intensos protestos de minha mãe. Como bom advogado que era(*digo isso, apenas por que tínhamos uma vida financeira confortável, mas não sei o que vem a ser um bom advogado*) argumentava um pouco de cansaço, alegava que o dia tinha sido estressante e que

precisava de uma válvula de escape. Minha mãe então lhe concedia alguns caubóis, ia a cozinha e cortava-lhe uns cubos de queijo minas e trazia a ele num prato de porcelana. Não tínhamos empregados, e nem dávamos por falta, minha mãe era excelente dona de casa, morávamos num apartamento no Tatuapé zona leste de São Paulo, apenas os três, vivíamos um triângulo amoroso perfeito. As vezes, minha mãe, em noites monótonas, lia a bíblia a meu pai, que retribuía a ela, poemas de William Blake, e pensamentos de Nietzsche, o eterno duelo entre o bem e o mal se fazia ali diante de mim. Eu, fruto das metades, torcia para o bem, mas ficava admirado com o discurso do mal. Naquele anoitecer, não houve debate religioso, pois chovia. Minto. Uma poeira líquida e transparente caía do céu, meio-claro, meio escuro, para o céu de São Paulo “*esfumado*” é a palavra, ainda não era noite, mas já havia deixado de ser dia, a luz e a escuridão beijavam-se, e pareciam ser as duas, uma coisa só, fundidas e bem atreladas em si. Eu prestava atenção em meu pai, cortejando a minha mãe, depois de dezessete anos de casamento, lançando-lhe olhares furtivos e tentando impressioná-la com o *retrohalliny* (*exalar fumaça pelo nariz*) feito com um bhk52 (*charuto cubano*) enquanto ouvia Duke Ellington (Caravan). Minha mãe o via de soslaio, e disfarçava, com perguntas

óbvias feitas a mim, pretendendo saber coisas chatas da escola. Eu queria logo ser adulto, para não ter que nunca mais responder aquele tipo de pergunta, vendo meu pai fazendo aquilo com a fumaça cinzenta, e depois lhe lançar ao ar como uma bailarina. Eu senti pressa, tinha quinze anos e meio, portanto, um adolescente ansioso para viver os prazeres que ainda me eram proibidos. Estávamos os três em um silêncio divino, mágico, poderoso, nos sentindo cúmplices de nós mesmos, fui adormecendo com a lembrança de que meu pai havia dito alguma coisa antes que só me faria sentido um tempo depois. “ Norton Dal Ri meu filho Deus faz questão que um homem tenha fé para que Ele possa então existir.” Adormeci.

O salto no calendário

Abri os olhos e vi um dia nascendo azul, com o céu a parecer uma cortina infinita, permaneci imóvel na cama, acariciado pela preguiça e uma bela sinfonia de pássaros que anunciavam um novo dia, cantavam a plenos pulmões, como se eles fossem feitos de aço ou de qualquer coisa inquebrável, tive a ligeira impressão que um novo dia nascia bem diante dos meus olhos e vice e versa. *As ligeiras impressões são as que deviam durar para sempre.* Não sentia sono, mas era como se

sentisse, ardia meus olhos, sentia-me em outro mundo, confuso, distrai-me no espelho, com meu corpo fino, negro e povoado de manchas na pele, os drads desgrenhados nos cabelos , me davam a aparência exata de um boneco descuidado,(bom dia Norton Dal Ri) disse e em seguida sorri, me achei estranho, depois percebi que estranho mesmo estava o quarto, era o canto dos pássaros, o céu, saltei da cama, como que impulsionado por uma mola, acabei por reconhecer o lugar por instinto ou intuição (*tenho a impressão que essas duas coisas no fundo dizem uma coisa só*) não havia como ser engano, as paredes caiadas me diziam isso, o teto envernizado, o piso feito de tacos de carvalho, a mobília escassa, próximo a cama, um baú de couro carcomido pelo tempo, um tabuleiro de gamão, uma escrivaninha e um armário de madeira colonial, velho e pesado, estava ali há anos, no quarto em que dormi boa parte de minha infância na casa de minha avó. Atinei corretamente. Eu estava em Uberlândia, no triângulo mineiro. *Como eu vim parar aqui?* Perguntei-me, essa era uma de muitas outras perguntas que bombardeavam minha mente. Passei os olhos ao acaso, e encontrei com um olhar rápido e eficaz, o calendário, outro espanto, ainda maior que o primeiro, *as coisas inexplicáveis nos deixam em pânico*, foi o que senti, quando vi que já estávamos em junho, e que também não era terça, mas

sábado, “*Onde foi parar o meu final de maio?*”.

Procurei uma roupa para vestir, quis enlouquecer perto de alguém, sozinho me dava medo, um roupão felpudo de algodão encontrava-se pendurado num cabide, era grande demais, vesti mesmo assim, saí do quarto e no corredor esqueci meus medos. “O amor me deu coragem” Virgínia estava ali diante de mim, com sua morenidade ímpar, os olhos castanhos e a boca grande, apetecível, sorridente. (*Não há plano que não mudemos por causa de um amor, o amor é avesso a planos.*)

_ Bom dia belo adormecido _ Vig disse.

Sua voz exagerava no sotaque mineiro (eu não tinha mais sotaque porque eu havia perdido, era ele ou eu, sofria bullying na escola em São Paulo,) aqueles trens, são e uais que eu só tolerava por que saíam de sua boca, cheia de dentes brancos, perfeitos e bem enfileirados como um pelotão militar, Vig me fazia esquecer dos porquês da vida, eu tinha muitas perguntas a fazer naquele momento, mas quando as palavras saíram pela minha boca e ganharam o vento, eu tinha uma outra curiosidade.

_ Vig o que aconteceu com o seu cabelo? _ perguntei decepcionado, espantado, bravo e curioso, todas aquelas emoções me habitavam naquele instante.

_ Eu cortei. Não gostou? _ indagou afagando o

que restava dos seus cabelos.

Eu jamais diria a ela que não havia gostado, por amor eu menti, *(quem nunca mentiu por amor que atire a primeira verdade)*, quis dizer que havia odiado, mas não disse, me faltou língua para isso, para não dizer coragem. Os cabelos de Virgínia, eram longos, tão negros, como uma noite escura, a mais escura delas, uma dessas, sem lua e sem estrelas. Quando ela concedia, e fazia isso esporadicamente, que eu escovasse seus cabelos, uma felicidade gratuita me invadia sem que eu pudesse resistir, sentia-me privilegiado pelo destino, a sorte parecia ser uma coisa fácil de se adquirir, palpável, o prazer de viver tornava-se acessível e infinito, permitia-me viver aquele momento sem a intromissão do tempo, estando ele, congelado, estático, sentia-me o cara mais feliz do mundo, *(um adolescente apaixonado convence-se rápido que os amores são infinitos, e quando acabam se convence mais rápido ainda que as dores de um fim de amor são eternas)*, naquela manhã, os cabelos de Vig estavam curtos, no estilo Demi Moore no filme ghost.

_ E quando foi isso? _ perguntei fingindo ter gostado.

_ Enquanto você dormia.

A voz de minha avó apareceu no corredor, quando eu estava prestes a tocar os parcos

cabelos de Virgínia, era uma senhora alta, robusta, bonita, apesar das rugas do tempo, tinha uma cabeleira branca que trazia sempre amarrado num coque acima da cabeça, era também boa senhora, tinha porém um defeito grave, era beata fervorosa, verdade seja dita, cuidava de Vig como se fosse uma neta, havia lhe adotado de um orfanato da cidade, quando ela tinha onze anos, *(Vig era um mês mais velha que eu e se gabava disso, eu fingia ofender-me só para depois de um breve tempo ela procurar fazer as pazes comigo. Não a guerra melhor que aquela em que sabemos que amamos loucamente o inimigo)* para que ela lhe fizesse companhia e também lhe lesse a bíblia todos os dias, Vig fazia isso com devoção, como se tivesse recebido uma missão divina, minha avó quando recebeu minha voz a tomar-lhe a benção, gritou, com a força que ainda lhe servia os pulmões “ Vig corre a casa de doutor Sidney e diga a ele que Norton acordou” Vig obedeceu, sua obediência cega a minha avó, era algo que me irritava profundamente, era capaz de concordar com coisas que discordava sua alma só para agradar minha avó, fazia isso, movido por uma gratidão que não lhe permitia sentir culpa *(A gratidão é a pior das dívidas e ser ingrato é o pior dos defeitos humanos)*, deixou-nos sem dizer-me o porquê de ter mudado o visual, em seguida minha avó me cercou de todos os cuidados do

mundo, como se acordar fosse uma coisa extraordinária, que envolvesse um risco iminente de morte, investigava sobre minha saúde por conta própria, apalpava-me a testa, consultando se eu tinha febre, e abraçou-me com uma saudade exagerada, neste abraço(*que devolvi com a mesma estranha intensidade de saudade que o recebi*), percebi em sua alma uma dor dilacerante, contida a muito custo, um pranto emergindo dentro de seu peito, mas proibido de libertar suas lágrimas, juntando essa impressão a ausência de Virgínia, voltaram as perguntas confusas, e cada uma viu-se no direito de trazer uma companheira de indagação.

_ Vó o que está acontecendo? Não estou de férias escolares ,não estou em São Paulo e até onde me lembro Vig tinha cabelos longos?_ As perguntas foram saindo sem uma ordem de sentido.

_ Vamos tomar o café da manhã e esperar o doutor Sidney chegar com as explicações._ disse e saiu a me conduzir pela casa.

Era uma casa de tijolinhos vermelhos, com portas e janelas brancas, no bairro Martins, muito pequena, havia apenas três quartos, uma cozinha grande, maior que todos os outros cômodos, que se interligava a sala de jantar por um passa prato que ficava no meio de uma parede em cima de uma mesa oval de mármore aonde se fazia as refeições, e

que era separado da sala de estar por um balcão de granito. Em qualquer ambiente da casa era possível ver o belo jardim, girassóis, amores-perfeitos, antúrios e plantas de todos os tons de verde exibiam-se ali. Quando criança, eu costumava entregar flores na rodoviária, que ficava próximo a casa de minha avó, era um pretexto, o que eu queria mesmo era frequentar a área de desembarque de passageiros e perguntar aos viajantes que chegavam de outras cidades, como eram os lugares longe de Uberlândia, os poucos que me davam atenção, ataçavam em mim, o desejo de ser um viajante(*os sonhos que temos quando somos crianças, se quando nos tornamos adultos nós o contradizemos, eles parecem se revoltar contra nós, exige que nós o vivamos, e o sonho que um dia foi colorido, reaparece preto no branco*). Naquele dia, enquanto fazia meu desjejum, (apesar da fome que eu sentia, não consegui comer mais que uma torrada de pão integral e sorvi um copo de suco de tomate) doutor Sidney chegou na companhia de Vig, minha avó, logo que percebeu sua presença, me deixou a comer e prestou-se a fazer sala ao doutor, e recomendou a Vig que servisse uma xícara de café a visita, e uns pedaços graúdos de pamonha de milho, quando minha amada passou por mim, em direção a cozinha, interpelei-a, e segurando-a pela mão perguntei.

_ O que esse ditador de pássaros está fazendo aqui? _ Tem vindo aqui todas as manhãs ver como você está._ disse e fugiu de outra pergunta que eu tinha na mente.

Por que tem vindo aqui me ver? Como assim?

São os doentes que precisam de médicos,
pensei inquieto, não me sentia nenhum pouco doente, nem mesmo a incômoda dor de cabeça que as vezes me atacava por causa da sinusite, me perturbava naquele momento.As perguntas passeavam dentro de mim sem respostas, vindos de todos os lados, em comboio,(*na idade de quinze anos não há qualquer dúvida que resista a um devaneio*),*será que eu estive em coma?*

Aquilo parecia a única explicação lógica para os fatos, amparados por alguns argumentos que eu mesmo fui inventando para me convencer de que havia sido exatamente isso que acontecera, que eu havia caído da cama enquanto dormia, batido fortemente com a cabeça e entrado em coma profundo, meus pais desesperados pediram ajuda ao vizinho, doutor Sidney, médico, ele veio e constatou que eu estava em coma, mas que não era nada grave, e que passado alguns dias eu acordaria, como de fato acordei, essa conclusão criada por mim teria facilmente me convencido, se eu não estivesse ciente que dormia em São Paulo, que lá,há bons médicos, não duvidando da competência

profissional de doutor Sidney, mas é que havia calculado a distância, não era a alternativa mais viável para cometer impulsionado pelo desespero(*a coisa ruim nos devaneios é que eles sempre vem acompanhado de um raciocínio lógico*). Mesmo não convencido da hipótese formulada por mim, perdi o pouco apetite que eu tinha naquele momento, a presença do doutor havia afetado meu humor.

O doutor Sidney Venturine era um homem de estatura mediana, saindo da casa dos sessenta anos de idade, que se vestia com cores alarmantes, como se tivesse tomado ódio pela cor peculiar de sua profissão, era magro e escondia sua calvície sob um ridículo chapéu panamá, no seu rosto enrugado e quadrado, havia um par de olhos, de um azul glacial que pareciam estar sempre espreitando o passado, tinha o nariz de adunco e um furo no queixo, que até lhe recrutava uma certa simpatia, nas raras vezes em que sua boca era capaz de sorrir. Encontrava-se no jardim da casa ,acompanhado de minha avó e apoiado a sua inseparável bengala cor de bérnago, ambos a admirar a pérgola de madeira, que encoberta pela trepadeira, ainda orvalhada, era tocada pelos tímidos raios de sol daquela manhã, ganhando assim um tom cristalizado. Ele morava num sobrado de aparência grotesca, em frente a casa de minha avó, era

um homem solitário, viúvo e sem filhos, que nunca recebia a visita de amigos ou parentes. Quando aposentou-se, tornou-se ainda mais só, um homem completamente esquecido por Deus, o mundo e os homens, na rua onde morava, *(a solidão parece que traz a sua marca na testa de sua vítima assim como a besta do apocalipse de João)* seu único lampejo de vida era cuidar de uma meia dúzia de pássaros que mantinha trancafiados em gaiolas metálicas, e era por esse motivo que eu o detestava. A recíproca era verdadeira, já que o doutor também não me via com bons olhos, desde que havia me flagrado tentando dar fuga a suas aves, acabou me expulsando de sua casa com jatos de água que esguichava de uma mangueira no jardim, e ainda relatou o fato a meus pais, fiquei seis meses sem receber mesada, e proibido de jogar meu game preferido *GTA Iv*, e teria sido pior se minha avó não tivesse convencido meu pai a retirar da lista de castigos, a minha excursão na primeira grande viagem da minha vida, eu conheceria São Paulo, onde moraria no início do ano seguinte, por que meu pai havia conseguido uma vaga num importante escritório de lá, desde então, eu havia abandonado a causa e nunca mais havia se aproximado da casa do doutor. E naquela manhã, *(a covardia para fazer boas ações não tem idade)* esperava que doutor Sidney fizesse

o mesmo, que deixasse a casa de minha avó e nunca mais pusesse os pés ali novamente, mas a cena que eu assistia pasmo, era o doutor bebericando o café que Vig o havia servido no jardim, conversando amigavelmente com minha avó . O doutor solidão, era assim que eu me referia a ele, atirava conversa fora, como se fosse velho amigo de minha família, isso me irritou, e fez com que eu deixasse a mesa e caminhasse em passos largos na direção do jardim, o meu alvo certo era o doutor, lançava-lhe um olhar colérico, que ele nem se quer notou, parecia blindado na companhia de gente de verdade, imaginei que ele não sendo acostumado a esse tipo de prazer, adoraria, suas visitas logo iriam se tornar um hábito, decidi por um fim a tudo aquilo, primeiro sondaria o que estava acontecendo, e se o doutor tivesse mesmo salvado minha vida iria agradecê-lo, e depois enxotá-lo, não necessariamente nesta ordem. Encontrei-o sentado entre minha avó e Vig, num banco de madeira polido, jogando siso com minha amada(aquele jogo de quem pisca primeiro perde)uma dose de ciúme me fez odiá-lo ainda mais(*não era esse ciúme imbecil, que traz a sensação de insegurança, o medo de perder a pessoa que se ama, mas aquele ciúme bobo, que fermenta o amor da pessoa amada, dar-lhe uma impressão de zelo*),minha avó emitia sua opinião sobre o desaparecimento de Eliza Samudio ex-

namorada do goleiro do flamengo, que estava sendo noticiado nos telejornais, exaustivamente, e também culpava o bug do milênio por alguma coisa que eu não conseguia entender, (*minha avó era do tipo que não via o tempo passar, dez anos depois da ameaça de pane mundial dos computadores não ter passado de um temor desnecessário, ela ainda o via culpado de todas as tragédias do mundo*)mas que a deixou com os olhos marejados, e então, os xingamentos que eu tinha na cabeça, pronto para despejar no doutor, esqueci, todos, e antes que eu a perguntasse o motivo das tristezas, ela evadiu-se do local, e foi seguida por Virgínia, me deram tempo apenas de atinar, que alguma coisa muito estranha tinha mesmo acontecido, e eu me senti na obrigação de saber, pensei.O doutor acenou-me erguendo com a ponta dos dedos a aba de seu chapéu panamá.

_ Bom dia meu caro Norton. Vejo que hoje tem os olhos bem abertos.

A voz do doutor parecia ter o dobro de sua idade, era rouca e frágil e seu tom amigável parecia querer me envolver num abraço.

_ Estou vendo coisas muito estranhas acontecendo por aqui doutor._ retruquei com certa dose de ironia, tinha suspeita que as respostas que eu buscava o doutor saberia me dar.

O doutor trazia em seu colo uma valise de couro, preta e carcomida pelo tempo, mas só quando abriu-a é que eu pude notá-la, antes parecia fazer parte do próprio doutor. Eu tive a impressão que algo invisível unia o acessório a ele.

_ O que está acontecendo aqui afinal doutor? _ perguntei.

_ Sente-se Norton, teremos uma longa conversa, sua avó me pediu para que eu lhe prestasse algumas informações.

Sentei-me ao lado do doutor, Vig que havia retornado do quarto de minha avó, naquele instante, sentou-se ao meu lado, e pôs suas mãos de anjo, sobre a minha, senti medo e amor ao mesmo tempo, contrariando as leis da física com coisas abstratas. Vig parecia ansiosa para ouvir o que tinha o doutor a dizer, tentei encontrar os olhos dela, mas uma gota de sol no seu rosto impediu-me de vê-los, no mesmo instante em que o doutor retirou do interior de sua valise, uma pilha de papéis, com letras miúdas e escritas a mão, caligrafia que eu suspeitei na hora, que pertenciam a Vig. O doutor teve que usar uma lupa, e imediatamente seus olhos ganharam tamanho e cor de oceanos. O doutor lia em silêncio, eu não tinha mais nenhuma dúvida, a caligrafia era mesmo de Vig, ninguém que eu conhecia no mundo, era capaz de escrever

letras ilegíveis a olho nu, e a julgar pelo formato das folhas e os desenhos de querubins nas bordas dos papéis, aquilo tinha sido mesmo obra de Virgínia, e as folhas pertenciam a seu fichário. “*O que a caligrafia de Vig está fazendo nesses papéis do doutor?*”,Pensei, o doutor ainda fez várias solicitações a Vig, para que pudesse entender o que estava inscrito, provando assim do seu próprio veneno, que eles destilam em suas receitas criptografadas.Quando ele finalmente havia concluído sua leitura, e sentiu que estava sendo observado de perto por dois pares de olhos inquietos, ele fitou seu olhar em mim, e nesse momento, eu soube que ele havia espiado minha alma, um pequeno sorriso deixou a mostra a amarelidão dos seus dentes ,em seguida ele limpou a garganta, pigarreando fortemente, como se fosse começar um longo discurso, as palavras saíram de sua boca e me atingiram em cheio, em todas as partes de meu ser,como estilhaços de uma granada.

_ Norton. Você sofre da síndrome de Kleine Levin e não tem cura._ detonou o doutor.

O doutor continuou a observar-me, já não sorria, o seu semblante sisudo, havia me deixado em pânico, eu podia enxergar dentro dos olhos do doutor, os efeitos que as palavras dele haviam causado em mim, sentia

meu corpo empalidecer rapidamente, de modo a parecer osso polido, as palavras estavam todas congestionadas a porta de minha boca, como se tivessem sido proibidas de ganharem o som da minha voz, o medo me roubou as perguntas, eram muitas “ *Que raios de doença era essa? Diga-me logo doutor eu estou morrendo?(o medo de morrer é patrimônio de todos os vivos)* O doutor ainda fitava-me atônito, mas apesar de meus medos, percebi uma alegria íntima na alma do doutor, uma espécie de prazer, desses que uma doce vingança é capaz de provocar, parecia contente de me ver naquele completo estado de desordem emocional, com a terrível sensação de que repentinamente meu corpo havia se tornado oco, que nada havia dentro dele, a não ser o meu coração batendo assustado entre as costelas, como se fossem pássaros numa gaiola, exatamente como os pássaros do doutor estavam quando quis libertá-los, naquele instante, notei uma áurea de felicidade pairando sobre a cabeça do doutor, o olhar clínico que ele derramava sobre mim, parecia um sorriso de satisfação, um desses prestes a gargalhar, contido a muito custo, com a clara intenção que se demore um pouco mais a graça da desgraça alheia. O doutor passeou por um instante, pela atmosfera de medo e preocupação que me envolvia e depois de ter apavorado profundamente o meu espírito, o invasor de

sua casa, ele decidiu, que já era hora de me dar algumas explicações sobre a síndrome, as mesmas que já tinha dado a Vig e minha avó, enquanto eu dormia ininterruptamente durante vinte dias consecutivos.

_ Mas você não corre nenhum risco de morte_ disse sorriu e continuou.

A *kleine levin* era uma síndrome muito rara, apelidada de “*a bela adormecida*”, não tinha cura, porém, não era letal, isso era o que mais me aterrorizava, e quando ouvi essas explicações da própria boca do doutor, senti-me aliviado, na mesma medida que senti uma vontade enorme de esganá-lo com minhas próprias mãos, a síndrome fora descoberta nos anos de 1925 e 1929, pelos cientistas *Kleine e Levin*, por isso tinha esse nome de astro de banda de rock, trata-se de uma perturbação crônica, com duração variável de oito anos, com períodos típicos de ataques de dez dias, mas que em alguns casos, o portador pode dormir por até dois meses.

_ Está dizendo que eu estive dormindo esse tempo todo?_ perguntei incrédulo.

_ A síndrome causa esse distúrbio no sono, essa hipersonolência que poderá recorrer de três a quatro vezes no ano.

_ O quê?_ disse eu espantado, finalmente havia acreditado.

_ Para sua sorte, a síndrome é autolimitada,

quanto a evolução do tempo.

Senti uma necessidade de dizer ao doutor, *que sorte era encontrar um amor verdadeiro, sua cara metade na vida, isso, sim, é sorte, nunca precisar ir a um médico, não depender do sistema público de saúde nesse país, isso sim era sorte, e não ter uma doença rara, que te faz hibernar como um urso, mas* preferi guardar meu conceito de sorte apenas nos meus pensamentos.

_ E o que isso quer dizer afinal? _ decidi perguntar.

_ Que a síndrome apesar de não ter cura, não é para toda a vida. _ disse o doutor entusiasmado _ Ela termina espontaneamente _ finalmente completou.

Nos meus olhos senti acenderem-se faíscas de esperança e alívio, e eu até encontrei ânimo para esboçar um leve sorriso. Vig abraçou-me, então eu senti, o laço de força invisível que nos unia, retribuí o abraço de Vig e recebi de volta um olhar solidário de seus olhos castanhos, e nesse momento adquiri coragem para saber mais sobre a tal síndrome.

_ Então quer dizer que a síndrome um dia vai se cansar de mim?

_ Isso mesmo. _ sentenciou o doutor.

_ E quando será isso? _ insisti.

_ Não posso afirmar isso com certeza, não há uma data precisa, há casos em que a síndrome acompanha os portadores até a sua

terceira década de vida.

_ E você chama isso de ter sorte? _ perguntei visivelmente irritado.

O doutor mergulhou num breve silêncio, uma atitude que me fez imaginar se algum dia na vida aquele homem já tinha amado, ou teria sido amado por alguém? Não conseguia entender a sua concepção de sorte, apenas uma criatura que não conheceu o amor, poderia chamar uma brincadeira de Deus com os cientistas, que na sua grande maioria eram ateus, e que havia me transformado numa cobaia, poderia comparar uma tragédia como aquela, num lance de sorte, dei-me conta que faria parte de um pequeno número de portadores da síndrome de kleine levin em todo o mundo, e não me sentia nenhum pouco feliz por isso.

_ Tenho a sensação que estive morto por alguns dias _ revelei impedindo que uma lágrima escorresse pelo meu rosto.

_ Jamais diga uma coisa dessas Norton. Você não sabe o que é a morte _ chamou-me bravamente a atenção Vig.

_ Sinto como se ela tivesse roubado de mim um tempo precioso _ consertei

_ Passamos boa parte de nossa vida dormindo _ confortou-me Vig.

_ Diga-me doutor há como apressar a partida da síndrome? _ perguntei.

_ O tratamento funciona apenas como um

atenuante as crises, com ou sem ele, a síndrome irá embora._ enfatizou o médico.

O tratamento era a base de lítio, e de outros medicamentos adjuvantes, que causavam muitos efeitos colaterais, a curto e em longo prazo, quis deixar bem claro o doutor, e quando relatou alguns desses efeitos, deixou subentendido que ele, particularmente era contra submeter-me a um tratamento, e se eu optasse pelo contrário, teria primeiro que fazer uma bateria de exames, para checar minhas funções renais, iniciado o tratamento com o lítio, de imediato eu sofreria um aumento da excreção urinária, já que o lítio seria expelido de meu organismo pela urina, também sentiria ligeiros tremores de mãos e ganharia peso,o doutor citou esses efeitos como os mais persistentes,outros se aparecessem deveriam ir embora em poucas semanas,aumento de sede,sensação de enjoou e náuseas,e dores ligeiras no estômago,mas o que me fez desistir do tratamento,antes mesmo de começá-lo,foi o fato de que o lítio me deixaria predisposto a acne,imediatamente imaginei o meu rosto cheio delas,como um céu estrelado,sendo zoadado por todo mundo na escola, mas preferi esperar que doutor Sidney,dissesse-me que eu também estaria propício a muitas lesões renais,não queria que todos soubessem que eu estava preocupado com minha vaidade,num momento tão tenso

como aquele. Doutor Sidney ainda salientou que aqueles eram apenas efeitos colaterais do lítio,o metilfenidato e o modafinil,usados especificamente durante as crises também poderiam me causar sérios problemas de saúde,o metilfenidato usado por muito tempo,causa dependência,provoca efeitos cardiovasculares e até uma possível redução da estatura,*um anão obeso e cheio de espinhas* ,pensei, *eis a gota que transborda a taça*,acrescentei um pensamento ao outro.

_ Não estou disposto a arriscar minha saúde numa batalha que não pode ser vencida,_ sentenciei

_ As crises não lhe trarão nenhum dano mental ou físico_ revelou doutor Sidney.

_ Menos mau._ disparou Vig.

O doutor me deixou á vontade para procurar uma segunda opinião,mas de antemão fez questão de deixar bem claro,de que não lhe restava a menor dúvida,*eu havia sofrido a primeira de uma série de crises que ainda sofreria da síndrome de kleine levin*,nem mesmo sentia mais a necessidade de me submeter a outros exames,bastava-lhe o relatório minucioso e muito elogiado pelo doutor,que ele tinha em mãos,com todos os sintomas apresentados por mim durante as crises devidamente anotados e catalogados por Virgínia.Eu dormia de dezoito a vinte horas seguidas,o longo período de sono era o principal sintoma da síndrome,nos raros

momentos em que estive acordado,tagarelava cantava e ria o tempo todo,parecia estar a dormir de olhos abertos,esse sintoma de desinibição social,comum durante as crises da síndrome,deixou -me visivelmente conturbado,também em meio a crise,comia exageradamente,com uma certa predileção por doces e chocolates,era o que os médicos chamavam de *bing eating*, compulsão alimentar que costuma se manifestar durante as crises,isso não me soou estranho,sempre fui obcecado por chocolates,tanto que minha avó me ameaçava em tom de brincadeira,de interna-me numa clínica de recuperação para chocólatras,aonde a dieta era a base de brócolis e jiló,duas coisas que detesto,por último eu apresentei ideias delirantes e persecutórias,mas nenhum desses episódios foi relatado por Vig,e despertou em mim momentaneamente a curiosidade de saber o por que dela ter omitido detalhes desses delírios?

_ Eu não lembro nada disso_ confessei.

_ Calma Norton depois de uma crise é normal que você apresente uma amnésia parcial envolvendo os fatos ocorridos durante a crise._ tranquilizou-me o doutor.

_ Ainda não consigo acreditar que estive dormindo esse tempo todo isso é tão...

_ Incapacitante.

_ ...isso

_ Permita-me como seu médico lhe dar este